

## Corporação multilocalizada e diversificação funcional: a trajetória espaço-temporal da Algar Agro

*Multilocalized Corporation and functional diversification: the space-time trajectory of Algar Agro*

*Société multi-localisée et diversification fonctionnelle: la trajectoire espace-temporelle de l'Algar Agro*

*Corporación multilocalizada y diversificación funcional: la trayectoria espacio-temporal de la Algar Agro*

**Fernando Fernandes de Oliveira e Denis Castilho**

---



### **Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/espacoeconomia/15602>

DOI: [10.4000/espacoeconomia.15602](https://doi.org/10.4000/espacoeconomia.15602)

ISSN: 2317-7837

### **Editora**

Núcleo de Pesquisa Espaço & Economia

### **Referência eletrônica**

Fernando Fernandes de Oliveira e Denis Castilho, « Corporação multilocalizada e diversificação funcional: a trajetória espaço-temporal da Algar Agro », *Espaço e Economia* [Online], 19 | 2020, posto online no dia 02 setembro 2020, consultado o 10 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/espacoeconomia/15602> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/espacoeconomia.15602>

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 10 setembro 2020.

© NuPEE

---

# Corporação multilocalizada e diversificação funcional: a trajetória espaço-temporal da Algar Agro

*Multilocalized Corporation and functional diversification: the space-time trajectory of Algar Agro*

*Société multi-localisée et diversification fonctionnelle: la trajectoire espace-temporelle de l'Algar Agro*

*Corporación multilocalizada y diversificación funcional: la trayectoria espacio-temporal de la Algar Agro*

**Fernando Fernandes de Oliveira e Denis Castilho**

---

## Introdução

- 1 Atuando em diferentes frentes funcionais e geográficas, as corporações reforçam as suas economias de escala, de escopo e maximizar os retornos. Além dos ganhos citados, podem diminuir os custos de produção, ao passo que a evolução das estruturas de governança faz minimizar o caráter custoso das transações. Por outro lado, a exploração sobre o trabalho, a concentração de poderes oligopolistas e de barganha, e o peso dessas prerrogativas à captura de benefícios, não raro, ineficientes ao contexto econômico geral, são vistos como fatores deletérios. Logo, a influência que as corporações exercem sobre os processos de reorganização do espaço geográfico é flagrante.
- 2 O desígnio do presente texto é o de analisar a evolução espaço-temporal da Algar Agro, uma agroindústria oriunda dos capitais sediados em Uberlândia (MG). Para tanto, a primeira parte expõe o feixe de oportunidades condicionado pelas políticas públicas de incorporação agroindustrial dos Cerrados brasileiros, que impactaram sobremaneira a região do Triângulo Mineiro e adjacências. A diversificação dos precursores do Grupo Algar, neste setor, não poderia ter tomado caminho diferente, à medida que os

incentivos estatais para a reestruturação produtiva dos Cerrados estimularam a incorporação de atividades potencialmente lucrativas.

- 3 Na segunda parte, pontuamos o virtual recuo da assertiva estatal sobre o território e a emergência de sinergias em rede entre as corporações agroindustriais. Por sua vez, a terceira seção expõe os incentivos e as estratégias que levaram a Algar Agro a estabelecer-se no Maranhão, aproveitando do posicionamento estratégico diante da nova fronteira agrícola do país e do valor logístico de eixos importantes, como a Ferrovia Norte-Sul.
- 4 Por fim, são destacados os avanços e os recuos do segmento em *agrobusiness* do Grupo Algar até o enxugamento funcional, representado pela aquisição das operações da Algar Agro por parte da *Archer Daniels Midland Company* - ADM, um conglomerado sediado em Chicago, Estados Unidos. Os rearranjos organizacionais da Algar Agro evidenciam a trajetória de uma corporação que tem como estratégia espacial a multilocalização, e, como resposta aos incentivos e oportunidades concedidos pelo Estado, a diversificação funcional. Estratégia e resposta, portanto, reverberam tanto na exclusividade dos acessos como na ampliação do uso corporativo do território.

## Cerrados, reestruturação produtiva e oportunidade: a emergência da ABC Inco.

- 5 A corporação multilocalizada pode ser vista como um arranjo organizacional que porta, “ao mesmo tempo, inovação técnico-produtiva, administrativa e financeira que, em se cristalizando como tal, tende a prevalecer como nexos estruturante sobre as demais lógicas, num tempo e espaço determinados”, como ensina Pires do Rio (2000, p. 104). Segundo Chandler (1962), a emergência desse objeto de análise foi potencializada pela implantação dos sistemas técnico-reticulares indispensáveis à difusão espacial das informações, do comércio e do consumo.
- 6 A articulação de lugares e atividades de uma corporação multilocalizada, sobremodo oportunizado pelo advento das redes técnicas e do seu uso privilegiado, conferiu disposição para descolar, de modo rápido, capital e tecnologia para diversos lugares. Elas controlam, como assinala Harvey (2005, p. 141), diferentes “recursos, mercados de trabalho, mercados de consumo e oportunidades de lucro, enquanto organiza sua própria divisão territorial de trabalho”. O autor também comenta que, nesse processo, as corporações obtêm muito do seu poder, haja vista a sua capacidade de dominar o espaço e munir-se de distintas estratégias que estão além das diminutas capacidades organizacionais da empresa familiar. Além disso, conforme observa Oliveira (2007), as ações políticas e as relações de dominação estão cada vez mais influenciadas por padrões tecnológicos.
- 7 O espaço, juntamente com a evolução de suas estruturas técnicas, torna-se palco, meio e condição para o estabelecimento das diversas práticas socioespaciais arquitetadas pela corporação multilocalizada (OLIVEIRA, 2018). Com efeito, o ímpeto expansionista não pode prescindir de ajuizamentos político-institucionais bem amarrados e que favoreçam a criação de espaço novo aos recursos acumulados. O economista Douglass North assim considera o conteúdo relacional tecido entre organizações e instituições:

A eficiência das organizações depende de que se percebam e se aproveitem das oportunidades. Na medida em que haja grandes recompensas para a capacidade de influenciar as regras e a sua aplicação, compensará constituir organizações

intermediárias (associações comerciais, grupos de lobby, comitês de atuação política) entre as organizações econômicas e os órgãos políticos para que se efetuem os potenciais ganhos com a mudança política (NORTH, 2018 p. 149-150).

- 8 Ante tal realidade, não é estranho que a ordem espacial de uma corporação multilocalizada mantenha vínculos estreitos com os governos e suas práticas de ordenamento territorial, evidenciando, conforme observa Oliveira (2008), a correlação dialética entre grandes empresas, governos, Estado e base territorial.
- 9 É possível que o espaço de atuação de grandes corporações, insurja como aspecto fundamental da organização espacial de amplas regiões e países, argumenta Corrêa (1991). No Brasil, a integração nacional das estruturas produtivas via intervenção estatal compôs notório estímulo ao aparecimento de grandes corporações, que emergiram para controlar extensas cadeias produtivas e mercantis hierarquizadas (SILVA, 2003). A construção do privilégio por meio das negociações entre grandes empresas, governos e Estado, também foi analisada por Oliveira (2008).
- 10 Intensificada pela convergência de diversos programas governamentais deflagrados no decorrer das décadas de 1960 e 1970, a ocupação dos Cerrados do Brasil Central por empreendimentos agropastoris de grande monta constituiu exemplo patente. A despeito das formas pretéritas de uso dos recursos, as novas frentes foram alvo de especializações produtivas afiançadas por grandes corporações e pelo Estado, tal como anotam Santos e Silveira (2011) e Contel (2011). Como nos explica Silva (2006), o ensejo da agroindustrialização compôs um elemento importante do projeto geopolítico/econômico de integração nacional, que requereu a captura do Oeste e a reestruturação produtiva de porções interiores do território brasileiro.
- 11 Destacamos, no escopo da presente análise, o Programa Corredores de Exportação (1972), os Programas de Desenvolvimento dos Cerrados (POLOCENTRO) e de Cooperação Nipo-Brasileira para Desenvolvimento do Cerrado (PRODECER), e o Programa de Integração Nacional (PIN), todos encaminhados pela União. Em Minas Gerais, os projetos federais receberam o reforço do Plano Mineiro de Desenvolvimento Econômico e Social – PMDES (1972-1976), do Programa de Crédito Integrado e Incorporação dos Cerrados (PCI-BDMG), e do Programa de Assentamento Dirigido do Alto Paranaíba – PADAP (1973).
- 12 O Triângulo Mineiro, em função das adequações infraestruturais anteriores e de determinadas aptidões naturais, manteve-se como região aderente ao recebimento das solicitações derivadas da divisão territorial do trabalho em curso<sup>1</sup>. Na mencionada região, as mudanças inauguraram uma fase de maior entrelaçamento entre capitais públicos e privados, estes últimos oriundos de múltiplas escalas (regional, nacional e multinacional), com a instalação de diversas agroindústrias. Esse movimento foi acompanhado de imperiosa adequação infraestrutural, sobretudo no que diz respeito às redes de transportes, de energia, de armazenamento e do arranjo de espaços industriais aptos. Aos dois últimos aspectos, as ações da Companhia de Armazéns e Silos de Minas Gerais – CASEMG (1957) e da Companhia de Distritos Industriais de Minas Gerais – CDI/MG (1971) são notórias.
- 13 Dentre as corporações agroindustriais oriundas dos capitais triangulinos, ressaltamos a trajetória da Algar Agro (antiga ABC Inco.), uma operadora dos encadeamentos da soja subsidiária ao multifacetado Grupo Algar<sup>2</sup>. Sediado em Uberlândia (MG), este conglomerado empresarial, que conta com 90 anos de história, pertence à família Garcia, de origem portuguesa.

- 14 Em meados da década de 1970, Alexandrino Garcia e seu filho, Luiz Alberto Garcia, desenvolviam um proeminente leque de atividades econômicas. Dentre as quais, destacavam-se os serviços gráficos, com a impressão de listas telefônicas e um periódico de circulação local; as representações de revenda de automóveis, peças e manutenção de autos; os serviços de táxi aéreo e venda de aeronaves; e os ativos de turismo e hotelaria, localizados em Rio Quente (GO). O esteio econômico dessas atividades era, entretanto, a Companhia de Telefones do Brasil Central – CTBC, que ocupava uma área de 87 municípios nos estados de Minas Gerais, Goiás, São Paulo e Mato Grosso do Sul.
- 15 É bom registrar que este segmento prioritário esteve sob a ameaça do intervencionismo estatal, que instituiu o monopólio sobre as telecomunicações no país em 1972, com a criação do Sistema Telebrás (STB). A iminência de estatização da CTBC movimentou as estratégias político-econômicas dos Garcia, que saíram em busca de alternativas promissoras de reinvestimento. No entanto, a interferência de Rondon Pacheco<sup>3</sup>, notório político uberlandense, foi decisiva para que os Garcia não perdessem a propriedade da CTBC, que manteve o status de única companhia telefônica privada do país após a emergência do Sistema Telebrás
- 16 Com efeito, a inserção desses empreendedores no segmento agroindustrial não pode ser compreendido se desarticulada do conjunto de políticas estatais que buscaram a reestruturação da agropecuária nos Cerrados do Brasil Central, à medida que tais incentivos estimularam a incorporação de atividades potencialmente lucrativas. O ingresso no mercado da soja ocorreu em 1977, por meio da aquisição da Fujiwara<sup>4</sup>, uma indústria que concentrava operações de esmagamento de grãos em Uberlândia. Nascia, em 1978, a Agropecuária Brasil Central Indústria e Comércio – ABC Inco., uma agroindústria operante nos diversos encadeamentos da soja. Importa ressaltar, nessa ótica, os eventos que reestruturaram os subespaços para “oferecerem rentabilidades aos investimentos [...] em virtude das condições locais de ordem técnica e organizacional”, como assinala Santos (2012, p. 247).
- 17 No que diz respeito aos Cerrados mineiros, o ajuste que forjou localizações privilegiadas ao complexo da soja foi precedido da “expansão agrícola a partir da década de 1970, graças aos incentivos do Estado”, como anota Cleps Jr. (1998, p. 196). Em Minas Gerais, o avanço exponencial dessa cultura traduz os efeitos dos programas governamentais voltados à reestruturação da agropecuária em áreas de Cerrado, sobretudo no que pertence às *commodities* exportáveis. Das 87.375 toneladas registradas em 1975, a produção de soja neste estado alcançou 3.524.055 toneladas quarenta anos mais tarde, como mostra a Tabela 1.

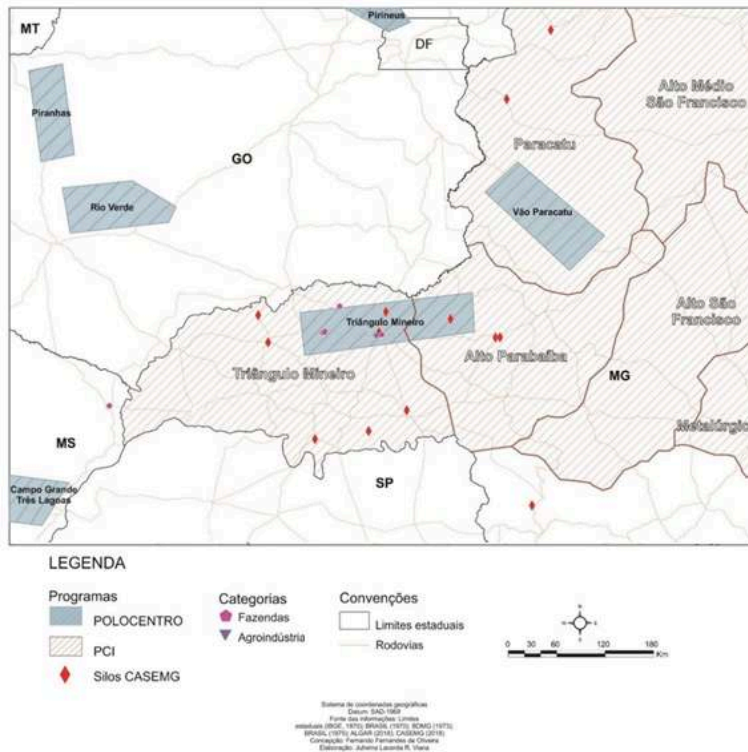
Tabela 1. Minas Gerais: expansão do cultivo de soja, 1975-2015.

	1975	1985	1995	2005	2015	Evolução 1975-2015 (%)
Área (ha)	48.35 9	352.7 30	603.77 3	1.118. 867	4.297. 197	8.786%
Produção (t)	87.37 5	879.7 27	1.1999. 666	2.937. 243	3.524. 055	3.933%
Rendimento (kg/ha)	1.153	1.974	1.997	2.625	2.654	130%

Fonte: Anuário Estatístico do Brasil (1979); Produção Agrícola dos Municípios (PAM/IBGE, 2019). Organizado pelos autores.

- 18 A área destinada ao cultivo dessa oleaginosa saltou de 48.359 para 352.730 hectares no mesmo período. Por sua vez, a produção média por hectare aumentou de 1.153kg/ha para 2.654kg/ha, incremento de 130%. Se analisarmos os dados considerando a divisão regional do estado, a concentração do quantitativo produzido é flagrante: foco dos programas estaduais e federais de incentivo à modernização agropecuária dos Cerrados mineiros, as mesorregiões do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba e Noroeste de Minas foram responsáveis por 90,7% de toda a soja colhida em 2015. Nesse ano, o Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba acumulou 52,4% de toda a soja produzida no estado.
- 19 O estado de Goiás, por seu turno, experimentou uma incorporação ainda mais expressiva ao advento da soja sob o estímulo estatal. As 73.392 toneladas produzidas em 1975 alcançaram 8.606.210 em 2015, multiplicando-se por 117 (PAM/IBGE, 2019). Nesse intervalo, a produção por hectare saltou de 1.320kg/ha para 2.640kg/ha, expondo a permeabilidade dos espaços agrários ao recebimento de fazeres técnicos e organizacionais indutores de novas premissas ao uso do tempo e da terra (SANTOS; SILVEIRA, 2011). É necessário frisar que a mesorregião Sul Goiano, limítrofe ao Triângulo Mineiro, foi responsável por 71,7% de toda a soja produzida no estado em 2015. Outrossim, é possível inferir que as mencionadas mesorregiões tornaram-se, no que diz respeito à disponibilidade desse grão oleaginoso, subespaços aderentes aos empreendimentos especializados no processamento da soja.
- 20 Ao demarcar “uma nova configuração geográfica da matéria-prima” (MAZZALI, 2000, p. 69), a expansão da soja no Centro-Oeste atraiu investimentos em fixos de processamento. Assim, o movimento de difusão espacial das estruturas de recebimento e transformação da soja rumo ao Brasil Central é digno de nota. Entre os anos de 1998 e 2018, a capacidade instalada de processamento do grão recebeu incrementos da ordem de 58% em Minas Gerais, segundo dados disponibilizados pela Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (ABIOVE, 2009; 2019). Em Goiás, a expansão foi ainda mais expressiva: vultosos 180,7% no período considerado.
- 21 No escopo das transformações listadas, o estabelecimento da ABC-Inco. pode ser visto como estratégia que buscou desfrutar das externalidades proporcionadas pela modernização agropecuária dos Cerrados. Sediada em Uberlândia, esta agroindústria encontrava-se em posição privilegiada ante as novas frentes de incorporação agrícola, usufruindo plenamente das vantagens de ordem locacional, infraestrutural e normativa forjadas pelo planejamento territorial do Estado brasileiro para este fim<sup>5</sup>. O mapa 1 alinha os programas governamentais à espacialidade que a ABC Inco. estruturou no decorrer dos anos 1980.

Mapa 1. Posições da ABC Inco frente aos espaços dos programas POLOCENTRO, PCI e da rede de armazenamento da CASEMG, 1989.



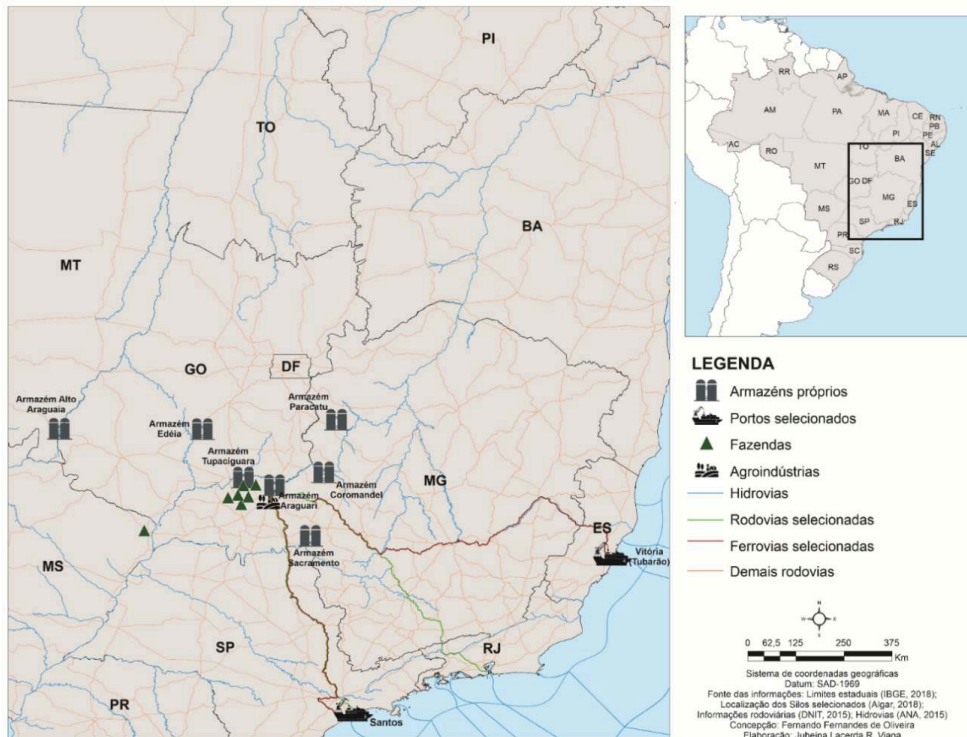
- 22 Assim constituída, a ABC Inco. iniciou a ampliação da capacidade de processamento dos grãos e do portfólio de atividades relativas ao segmento da soja. De 1978 a 1982, a capacidade de esmagamento de grãos saltou de 400 para 600 toneladas/dia, alcançando o montante de 1.200 toneladas diárias em 1989 (ALGAR AGRO, 2018). Nesse ano, foram iniciadas as atividades de refino e envasamento de óleo de soja, com capacidade diária de 200 toneladas, dando origem à marca ABC de óleos vegetais. A base para o cultivo dos grãos a serem processados ou comercializados perfazia um conjunto de propriedades rurais localizadas em municípios do Triângulo Mineiro e de Mato Grosso do Sul: duas em Tupaciguara, quatro em Monte Alegre de Minas, duas em Uberlândia e uma em Paranaíba (MS). No entanto, é necessário registrar que a produção própria não satisfazia toda a demanda do processamento industrial da soja, de forma que a originação de grãos junto a outros produtores alargava o circuito espacial de cooperações desta atividade.
- 23 Foram fixadas, no âmbito dos incentivos governamentais para a reestruturação produtiva dos Cerrados, as bases da posterior diversificação da ABC Inco. – e do então intitulado Grupo ABC – nas proeminentes cadeias agroindustriais da soja<sup>6</sup>. No vasto domínio dos Cerrados brasileiros, a chegada dos vetores de um meio técnico-científico-informacional se fez sobre áreas marcadas por baixa densidade técnica e limitadas rugosidades, sem grandes resistências ao desenvolvimento de uma nova divisão territorial do trabalho.

## Diversificação e sinergias em rede num contexto macroeconômico adverso

- 24 Como dito, o conjunto de políticas estatais para a reestruturação da agropecuária nos Cerrados induziu novos contornos à divisão territorial do trabalho em vigência no país, gerando perspectivas promissoras aos atores mais capitalizados. Entretanto, a crise do nacional-desenvolvimentismo brasileiro, no decurso da década de 1980 e início dos anos 1990, abriu um vácuo a ser ocupado pelas grandes corporações do setor (agroindústrias e *tradings* nacionais e internacionais).
- 25 Tal como exposto por Silva (2003), as mudanças no modo de intervenção do Estado induziram uma nova dinâmica socioespacial ao *agrobusiness* brasileiro, com base na confecção de redes de integração horizontalizadas e verticalizadas. Vejamos como Mazzali (2000, p. 36) aborda a questão:
- Com a redução do grau de indução, pelo Estado, e no contexto de profundas transformações nos mercados e na concorrência, enfraqueceram-se as bases que sustentavam as articulações entre os agentes, deixando em aberto o campo de opções estratégicas e proporcionando, assim, o ambiente para a reestruturação das relações. A partir daí, as articulações intra e intersetores ficaram por conta das estratégias do setor privado.
- 26 Atenta às transformações de ordem macroeconômica, a ABC Inco. teceu novas estratégias, com evidente intento para gerar interdependências sustentadas associações em rede. Buscando não somente a eliminação da ociosidade nos períodos de entressafra da soja, mas a introdução de uma nova cultura, recorreu-se à importação de óleo de girassol argentino, assim comercializado sob a marca Kira<sup>7</sup>. Na captura de oportunidades ao incremento das exportações, o enlace com a *trading* alemã *Toepfer International* firmara a entrega de farelo e de soja em grão ao mercado comum europeu, a partir de 1992.
- 27 No mercado interno, cumpre registrar as parcerias estabelecidas com *Perdigão* e *Gessy Lever*, voltadas ao envase e ao fornecimento de embalagens para o óleo refinado. Para fazer frente aos compromissos provenientes da inserção externa e dos intercâmbios com outras organizações, a capacidade de processamento do grão oleaginoso seguiu em expansão. Fixada no Distrito Industrial de Uberlândia, a unidade da ABC Inco. esmagava 1.500 toneladas diárias de grãos em 1996, aumento de 25% em relação às 1.200 toneladas registradas em 1989 (ALGAR, 2012). Além do mais, tanto a elevação da qualidade das matérias-primas como a sofisticação do portfólio de produtos estiveram no foco das ações, que miraram agregar valores por meio do aprimoramento técnico-produtivo. Destacaram-se, assim, os investimentos para a modernização do sistema de envasamento de óleo e a busca por certificações de qualidade, de maneira que as ISO 9002 e 14001 foram conquistadas em 1999.
- 28 Por sua vez, a edificação de uma rede dos fixos voltados ao recebimento dos grãos buscou obter economias de escala, na medida em que as operações em *trading* e o processamento industrial adquiriam volume e justificavam os investimentos em logística. Circunvizinha às arenas da colheita e da transformação da matéria prima, as estruturas de armazenagem da ABC Inco. instavam reduzir os custos gerais com transporte e estocagem, assim reforçando os pressupostos da competitividade em diferentes segmentos da cadeia de valores do agronegócio.

- 29 Nessa condição, os armazéns instalados nas triangulinas Araguari, Coromandel, Capinópolis, Sacramento e Tupaciguara obedeciam às prévias localizações das fazendas e do complexo industrial de esmagamento, refino e envase de óleo de Uberlândia, como sugere o mapa 2. Mais distantes do local da fábrica, as estruturas de Paracatu (MG), Edéia (GO) e Alto Araguaia (MT) seguiram no encaixe das áreas produtoras dos grãos.

Mapa 2. Rede logística de armazenagem do segmento agroindustrial do Grupo Algar, 2000.



- 30 No domínio do comércio exterior, a ordem espacial dos fixos de plantio, armazenagem e processamento de grãos de ABC Inco. e ABC A&P remetia aos portos de Tubarão (Vitória-ES) e de Santos (SP). Cumpre registrar que, por meio da VLI, importantes terminais integradores de Araguari e Uberaba são articulados aos ramais ferroviários concernentes aos eixos multimodais Centro-Sudeste (Ferrovia Centro Atlântica – FCA) e Centro-Leste (Estrada de Ferro Minas-Vitória – EFVM) aos portos de Santos e de Vitória (Tubarão), este último controlado pela própria VLI. A cadeia logística desses eixos é ainda maior quando se considera rodovias federais como as BR’s 364, 365, 153, 262 e 050; a Via Anhanguera (SP-330), dentre outras.
- 31 Além do mais, compete destacar que as alianças estratégicas da ABC Inco. com outras organizações colocariam o Triângulo Mineiro na vanguarda dos esforços voltados ao desenvolvimento de uma agricultura de precisão<sup>8</sup> no Brasil. Encabeçado pela corporação uberlandense, o consórcio Agrisat – Soluções Integradas LTDA. – foi composto em 1998, a partir do enlace com as multinacionais estadunidenses *Case IH* e *Dupont*, além da brasileira *Manah Fertilizantes*<sup>9</sup>. A estas, foram alinhados os setores de tecnologia da informação e agroalimentar do Grupo Algar, no escopo de gerar competências em monitoramento agrícola por satélite.
- 32 Nas palavras de Castillo (1999, p. 245), a proeza técnica possibilitava o “mapeamento detalhado da produtividade da lavoura”, permitindo tratar “diversos planos de informação (*layers*), tais como mapa de rendimento, mapa de fertilidade, fatores de

variabilidade, etc.”. A cartografia resultante instava uma aplicação mais eficiente dos insumos agrícolas. As expectativas em torno do projeto consideravam investimentos da ordem de US\$ 148 milhões<sup>10</sup>, de forma que os 20 mil hectares iniciais fossem difundidos para além do entorno da cidade sede, rumo ao vasto domínio dos Cerrados do Centro-Oeste brasileiro. Contudo, Borges Filho (2005) anota que os investidores interromperam o projeto em 2001, mediante retornos abaixo do esperado.

- 33 No decurso da década de 1990 e na primeira metade dos anos 2000, as estratégias deflagradas por ABC Inco., em suma, perseguiram a incorporação de valor agregado ao produto, a obtenção de economias de escala referentes à edificação de uma rede própria de armazenagem e o estabelecimento de complementaridades com outras organizações. Com efeito, as sinergias instaram tanto a inserção no mercado externo como iniciativas de maior conteúdo técnico-científico, com vistas a agregar valores às próprias matérias primas e aos produtos finais.

## Algar Agro: da conquista do MATOPIBA ao fenecer da corporação

- 34 A maturação dos programas governamentais para a reestruturação agroindustrial do campo brasileiro fez-se sentir nas áreas dos Cerrados e dos chapadões que fazem fronteira entre as regiões Norte e Nordeste do país. Referimo-nos, em realidade, do recorte espacial designado pelo acrônimo MATOPIBA<sup>11</sup>, em alusão às iniciais dos estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia. Norteada pelo caráter extrovertido dos fluxos que animam os sistemas técnicos arquitetados, a divisão territorial do trabalho decorrente remete ao ordenamento socioespacial das agroindústrias e sua força em induzir o rearranjo das estruturas produtivas regionais.
- 35 O avanço exponencial da sojicultura indica a propriedade com que a vida de relações do recorte em tela foi atravessada pela racionalidade dos vetores do *agrobusiness*. Enquanto a área plantada do grão oleaginoso quadruplicara na Bahia, multiplicou-se por 26 no Tocantins, por 49 no Maranhão e por 428 no Piauí, entre os anos de 1990 e 2015 (PAM/IBGE, 2019).
- 36 A evolução do desempenho produtivo por hectare é expressiva, atestando o incremento técnico-científico da lavoura de soja do MATOPIBA: a média considerada desses quatro estados partiu dos 700 kg/ha registrados em 1990 para os 2.866 kg/ha de 2015, um acréscimo de 309%. Os dados concernentes à área cultivada, ao quantitativo produzido e ao rendimento médio por hectare, apontam a Bahia como a principal produtora de soja desse *front* agrícola. Em 2015, os 1.440.135 hectares cultivados renderam 3.134 kg/ha, como mostra a Tabela 2.

Tabela 2. Evolução da área plantada, da quantidade e do rendimento médio da produção de soja nos estados do MATOPIBA (1990-2010).

UF	Maranhão		Tocantins		Piauí		Bahia	
	1990	2015	1990	2015	1990	2015	1990	2015
Área (ha)	15.305	761.225	30.120	830.031	1.560	668.618	360.015	1.440.135
Quantidade (t)	4.176	2.099.507	35.140	2.418.367	906	1.772.722	220.146	4.513.663
Rendimento (kg/ha)	274	2.758	1.337	2.914	580	2.659	612	3.134

Fonte: Produção Agrícola dos Municípios (PAM/IBGE, 2019). Organizado pelos autores.

- 37 Não menos expressivo é o aumento da capacidade estática de armazenamento da produção agrícola no circuito espacial mencionado. Dentre os anos de 1990 e 2015, as capacidades de estocagem dos estados da Bahia e do Maranhão foram expandidas em 236%; o Tocantins e o Piauí receberam incrementos de 145% e 400%, respectivamente, segundo dados disponibilizados pela Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB, 2019). Haesbaert (2008, p. 378) assim descreve as mudanças têmporo-espaciais requeridas aos Cerrados do flanco ocidental do Nordeste brasileiro:

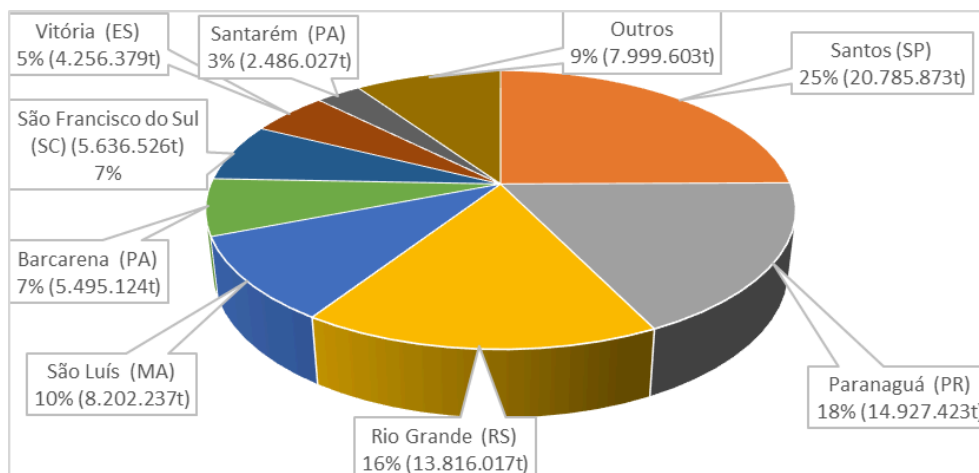
A geografia de espaços reduzidos e tempos de longa duração dos antigos habitantes dos sertões vê-se, portanto, radicalmente alterada por esse novo cenário dos complexos agroindustriais que impõe o tempo breve, veloz da técnica e do lucro arrasador e a escala macro das grandes explorações capitalistas.

- 38 A instalação de ativos do braço agroalimentar do Grupo Algar no MATOPIBA constitui elemento característico do feixe de relações que requereu a transformação das competências técnicas e organizacionais desses subespaços a partir de solicitações distantes. Tratou-se, com o anúncio de investimentos de R\$ 220 milhões<sup>12</sup> a serem efetivados a partir de 2005, da construção de uma unidade de esmagamento de soja no distrito industrial de Porto Franco (MA), com acesso à rodovia BR-010 e à Ferrovia Norte-Sul. Finalizada em 2007, a nova fábrica da Algar Agro operava para esmagar 1.500 toneladas diárias do grão oleaginoso, o que representou incremento de 83% sobre a capacidade de processamento instalada em Uberlândia.
- 39 É fácil, entretanto, mensurar os fatores locais que aguçaram as estratégias de difusão espacial da agroindústria uberlandense rumo ao arranjo produtivo do MATOPIBA. Além da já mencionada expansão da cultura da soja, os inventivos fiscais e de instalação, os menores custos com mão de obra<sup>13</sup> e os fatores de ordem logística são elementos que afiançaram a tomada de decisões. Tal como anota Castillo (2011), as formas de produção obediente, instigadas à distância, encontram nessa circulação corporativa um dado indispensável para a competitividade.
- 40 Refere-se, desse modo, aos suportes materiais e organizacionais que atendem as solicitações hegemônicas por fluidez territorial, que determinam as aptidões de competitividade das regiões produtivas, como defende Arroyo (2015). A dimensão geográfica da logística, escreve Castillo (2011, p. 339-340), é definida como o “conjunto de competências materiais [...], normativas [...] e operacionais [...] que, reunidas em um subespaço, conferem fluidez e competitividade aos agentes econômicos e aos circuitos espaciais produtivos”, parâmetros que expressam as formas atuais da circulação corporativa. Parafraseando Marx (1985, p. 189), significa que a modificação dos meios

de transporte produz “uma diferenciação local no tempo de circulação das mercadorias, das oportunidades de comprar, de vender, etc.”.

- 41 Ante tal realidade, o sistema logístico composto pela Estrada de Ferro Carajás, pela Ferrovia Norte-Sul (FNS) e pelo terminal marítimo de Itaqui, em São Luís (MA), conferiu novas possibilidades para a inserção externa das *commodities* comercializadas pela Algar Agro em suas instalações setentrionais. Iniciada em 1987, a construção da FNS<sup>14</sup> antevia realizar a ligação entre Açailândia (MA) e Anápolis (GO), de forma que os 1.550 km previstos articulassem os estados do Maranhão, Tocantins e Goiás (VALEC, 2019).
- 42 Nesse contexto, cumpre destacar o Tramo Norte da FNS, composto pelos 720 km de trilhos que conectam as cidades de Porto Nacional e Açailândia. Nesse ponto, a FNS encontra-se com a Estrada de Ferro Carajás (EFC), que dá acesso ao Porto de Itaqui, em São Luís (MA). Trata-se, como ensina Castilho (2019), de uma ferrovia de meio, uma vez que utiliza de outra ferrovia para acessar os portos litorâneos: no Norte do país, articula-se com a EFC para acessar o porto maranhense; nas porções central e Sudeste do território brasileiro, faz conexão com a Ferrovia Centro-Atlântica (FCA), para alcançar o Porto de Tubarão, na capital capixaba.
- 43 Em 2007, o Tramo Norte da FNS foi concedido à subconcessionária Ferrovia Norte Sul S.A, controlada pela empresa Valor Logística Integrada – VLI<sup>15</sup>. Segundo informações veiculadas por VLI (2019), esse corredor fomenta o fluxo de *commodities* oriundas do Pará, do Mato Grosso, de Goiás e da região do MATOPIBA. Os grãos *in natura* e processados (milho, soja e farelo), a celulose, o gusa e o manganês estão entre os principais produtos transportados.
- 44 Cabe lembrar que a cidade de Porto Franco conta com um importante terminal multimodal operado pela VLI. Além da renomeada Algar Agro, o pátio de Porto Franco subsidia a logística de grãos de corporações como Bunge, Cargill, Multigrain, Ceval e Ceagro. Os dados disponibilizados pela ABIOVE (2019) atestam a relevância do Tramo Norte para as exportações do grão oleaginoso. Em 2018, o sistema portuário de São Luís foi responsável por movimentar 8.202.237 toneladas de soja *in natura*, o que corresponde a 10% de toda a soja exportada pelos portos brasileiros no ano citado<sup>16</sup>, como mostra o gráfico 1.

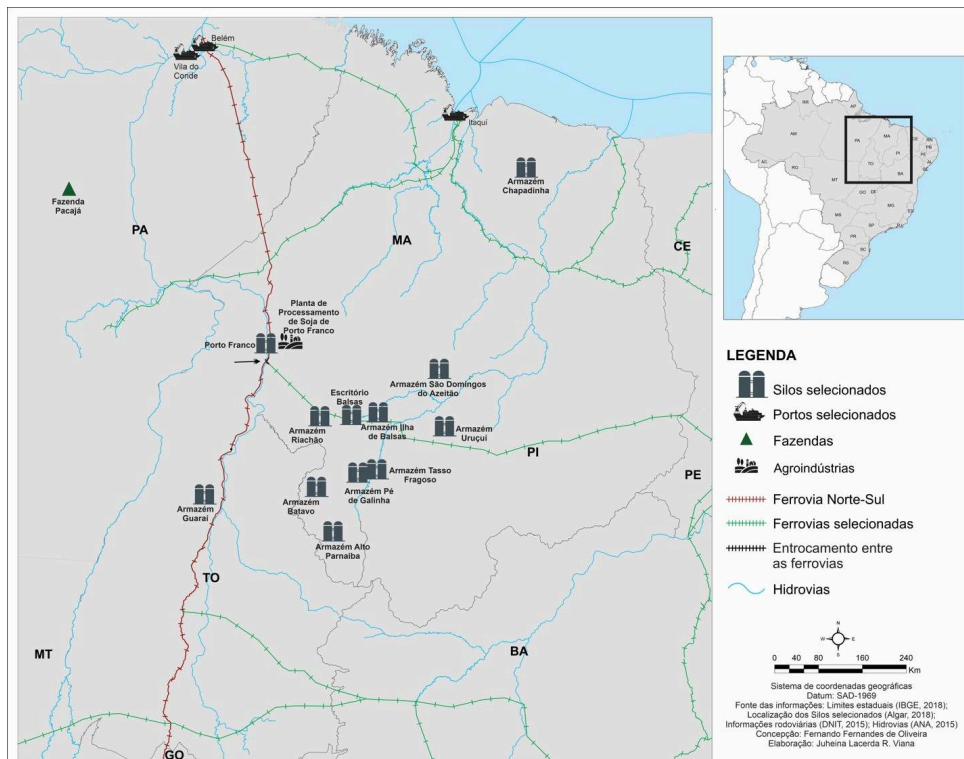
Gráfico 1. Participação dos portos brasileiros na exportação de soja em grão, 2018



Fonte: ABIOVE (2019). Organizado pelos autores.

- 45 Munindo-se das vantagens logísticas da Ferrovia Norte-Sul, a Algar Agro passou a realizar exportações de soja *in natura* e farelo de maneira direta. A primeira remessa de soja pelo Porto de Itaqui foi realizada em 2007, tendo como destino países da União Europeia. A remessa inicial de 61 mil toneladas de soja (ALGAR, 2007), foi efetivada sem a intermediação dos grandes *tradings* que atuam no país, como ocorria até então. As oportunidades locacionais do MATOPIBA ampliaram consideravelmente as interações espaciais do segmento em *agrobusiness* do Grupo Algar, seja no contexto regional da originação de grãos ou na inserção externa facilitada pela circulação corporativa.
- 46 No âmbito da geração de economias em escala, a Algar Agro inaugurou, sob os olhares dos mais proeminentes atores políticos do estado do Maranhão<sup>17</sup>, uma planta de refino e envase de óleo de soja anexa à estrutura de esmagamento de Porto Franco. Buscando consolidar a marca “ABC” nos mercados de Norte e Nordeste, a unidade contava com capacidade instalada para produzir 6,5 milhões de caixas por ano (ALGAR, 2012). O acréscimo das operações no MATOPIBA demandou, a exemplo das estruturas já disponibilizadas no Triângulo Mineiro e adjacências, que uma trama de fixos de estocagem fosse edificada.
- 47 No decurso da década de 2010, a rede de armazenagem operada pela Algar Agro contou com silos nos estados do Maranhão (Apurus, Tasso Fragoso, Riachão, Alto Parnaíba, Balsas, Sambaíba, e São Domingos do Azeitão), do Tocantins (Campos Lindos e Guaraí), do Pará (Conceição do Araguaia) e do Piauí (Urucuí). (ALGAR, 2012; ALGAR AGRO, 2014)<sup>18</sup>. A disposição locacional desses equipamentos evidencia a estratégia espacial voltada para alinhar as áreas de produção dos grãos, o eixo logístico do Tramo Norte e a planta de esmagamento/envase de Porto Franco, como ilustra o mapa 3.

Mapa 3. Rede logística de armazenagem da Algar Agro na região do MATOPIBA, 2018.



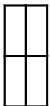
- 48 Os escritórios regionais de Balsas (MA), Redenção (PA) e a Fazenda Pacajá (PA), amarravam os fixos setentrionais da Algar Agro. Tal como divulgado por um comunicado ao mercado emitido pela Algar Agro em 2012, os aportes do MATOPIBA foram subsidiados por financiamentos acertados junto a instituições públicas de fomento. Segundo informações veiculadas por Algar Agro (2011), a corporação mantinha contratos de financiamento com o Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste – FDNE, o Banco Nacional de Desenvolvimento Social – BNDES e o Fundo de Incentivo à Industrialização – FIND. Juntas, as linhas de crédito requeridas somavam R\$ 214.790.000 em 2011.
- 49 Ademais, uma breve consulta ao Portal da Transparência do BNDES apontou, entre os anos de 2007 e 2020, vinte e nove ocorrências que envolveram o banco estatal de fomento e a subsidiária Algar Farming. Em conjunto, os contratos somam R\$ 34.828.165 (BNDES, 2020). No decurso da década de 2000, os desembolsos desse banco estatal tiveram um incremento significativo, visando apoiar a modernização e ampliação do aparelho produtivo nacional, a inserção soberana no mercado internacional em alguns ramos e circuitos de ramos, a formação de grandes grupos nacionais, a internacionalização produtiva e a distribuição mais equânime das atividades econômicas no território, *inter alia* (SANTOS, 2018, p. 116).
- 50 Enquanto consolidava presença ante as oportunidades das frentes agrícolas e dos mercados setentrionais, o *agrobusiness* do Grupo Algar seguiu em processo de diversificação, algo possibilitado por meio de associações tecidas com outros atores da cadeia agroindustrial. A partir do ano de 2008, a marca “ABC” incorporou extratos e molhos de tomate, óleo composto (soja e oliva) e azeite de oliva extra virgem, a fim de agregar valores ao portfólio. De produção própria, destacavam-se o óleo de soja “ABC” e os farelos “RaçaFort” e “Fortpass” (nutrição animal), que compunham o leque de produtos varejistas da Algar Agro para o mercado interno.
- 51 Alinhadas, as estratégias de diversificação funcional e difusão espacial expõem a considerável inserção da Algar Agro nas cadeias de valores do agronegócio. As atividades concernentes ao beneficiamento industrial da soja (esmagamento, produção, refino e envase de óleo e farelo) eram realizadas nas unidades de processamento de Uberlândia e Porto Franco (imagem 1), cujas plantas ocupavam 406.000m<sup>2</sup> e 200.000m<sup>2</sup>, respectivamente. Em *trading*, as operações envolviam volumes de soja e milho que afluíam nos mercados interno e externo, a partir de amarrações estabelecidas nas principais áreas de produção dos grãos.
- 52 Em 2016, o segmento agroindustrial do Grupo Algar originou um total de 1.482 mil toneladas de soja<sup>19</sup>, quando processou 808 mil toneladas desse grão. A atividade de *trading* comercializou 609 mil toneladas de soja e 274 mil toneladas de milho, de forma que foram vendidos 579 mil toneladas de farelo de soja e 8.686 mil caixas de óleo de soja (ALGAR AGRO, 2016). No envase de óleos vegetais, a estratégia em perseguir ganhos em escopo requereu que a produção de garrafas PET fosse internalizada pela unidade industrial de Uberlândia, a partir de 2015. Com o investimento, a Algar Agro tornou-se auto suficiente e passou a fornecer pré-formas desses vasilhames à empresa Refrigerantes Triângulo, de Uberlândia, detentora da marca “Guaraná Mineiro”.

Imagem 1 – Algar Agro: unidade de recebimento e processamento de grãos de Uberlândia (A e B), e de Porto Franco (C e D).

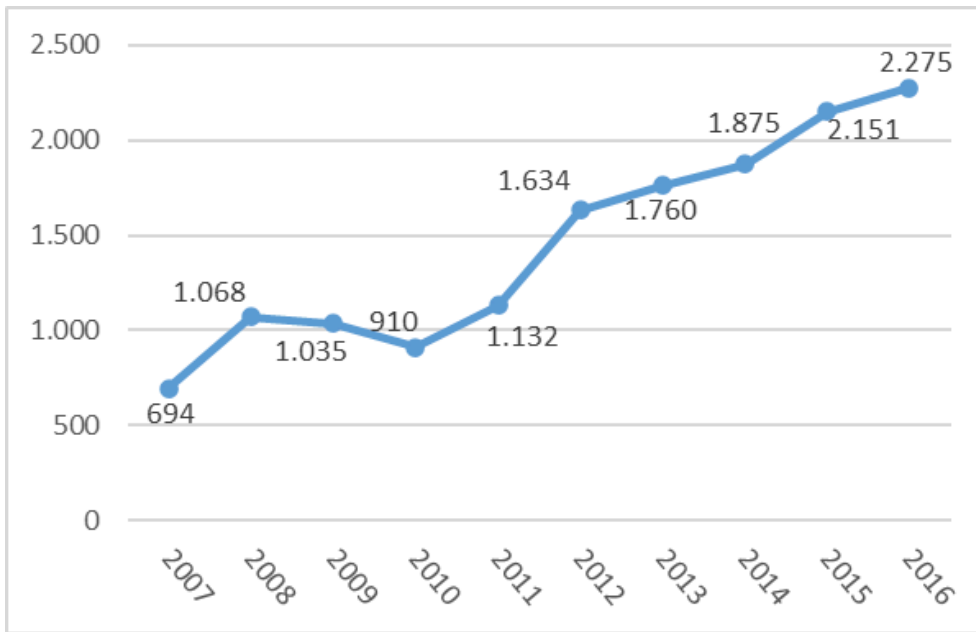


Fonte: Algar Agro (2014) e fotografia dos autores (2018).

- 53 As atividades de plantio, cria, recria e engorda do gado de leite e de corte foram acumuladas por uma nova subsidiária, a Algar Farming. A área cultivada alcançou os 11.921 hectares em 2016 (aproximadamente 9,7 mil ha de soja e 2,2 mil ha de milho e sorgo), com produção de 48.479 toneladas de grãos. Nesse ano, essa sucursal detinha um rebanho com 8.500 cabeças de gado, de maneira que foram comercializadas 1.208 unidades. As atividades da Algar Farming são desenvolvidas em propriedades que somavam 23,2 mil hectares no ano citado, dos quais somente 4% eram arrendados (AGAR AGRO, 2016)<sup>20</sup>.
- 54 Em 2016, a Receita Operacional Líquida do segmento agroalimentar alcançou R\$ 2,27 bilhões, 45,4% das receitas obtidas pelo Grupo Algar. Todavia, os anos de 2014 e 2016 foram amargos para a Algar Agro, que anotou prejuízos de R\$ 98 milhões e R\$ 59 milhões, respectivamente. Justificou-se o mal desempenho em função de fatores relacionados ao clima (quebras de safra em decorrência de irregularidades no regime pluviométrico), e à instabilidade político-econômica vivenciada pelo país nesse período (ALGAR AGRO, 2016). Os gráficos 2 e 3 apresentam a oscilação das receitas operacionais e dos lucros/prejuízos líquidos da Algar Agro entre os anos de 2007 e 2016.

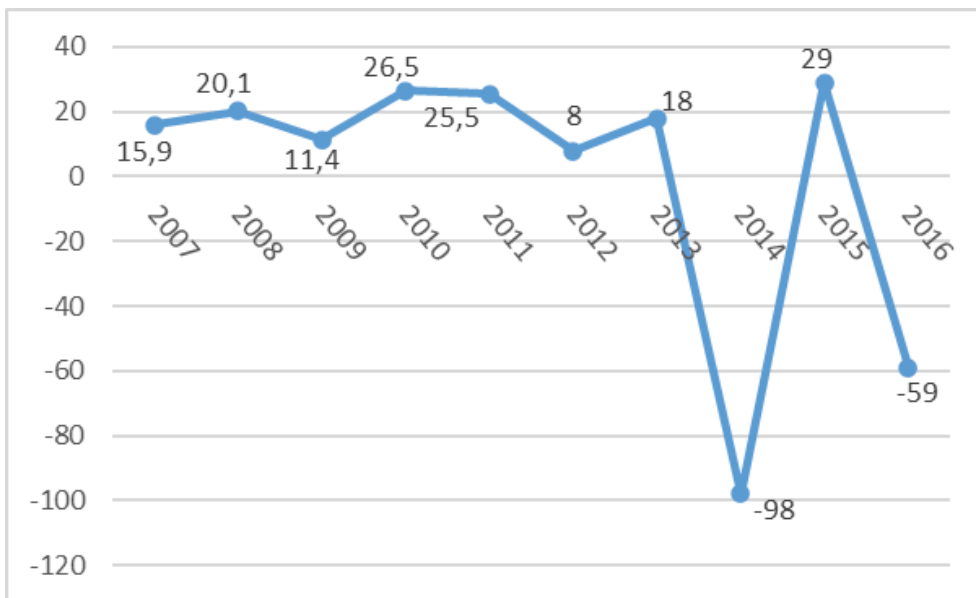


Gráficos 2. Algar Agro: Receitas Operacionais Líquidas(2007-2016) (em R\$ milhões)



Fonte: ALGAR AGRO (2011; 2016). Organizado pelos autores.

Gráficos 3. Algar Agro: lucros/prejuízos líquidos (2007-2016) (em R\$ milhões).



Fonte: ALGAR AGRO (2011; 2016). Organizado pelos autores.

- 55 Em meio às oscilações da atividade, o arranjo espacial do *agrobusiness* do Grupo Algar conheceu um profundo reordenamento em agosto de 2018. Tratou-se do anúncio de venda das unidades de processamento industrial de grãos (Uberlândia e Porto Franco), da rede de armazenagem e das marcas de óleo e farelos de soja para a gigante estadunidense ADM<sup>21</sup>, que reforçara as suas posições no mercado brasileiro de soja. Os valores da operação, todavia, não foram anunciados até término do presente estudo. Conforme nota publicada pelo mandatário Luiz Alexandre Garcia<sup>22</sup>, a saída do Grupo Algar das atividades de processamento industrial de soja e da logística dos grãos visa

delimitar as operações agroalimentares na produção de *commodities* agrícolas executada pela subsidiária Algar Farming (ESTADÃO, 2018).

- 56 Segundo a mencionada fonte, a mudança reitera uma estratégia verticalizada do conglomerado empresarial, que busca valorar a atuação em *venture capital* e a prioritária difusão espacial das funções em telecomunicações/TIC<sup>23</sup>. Atesta que avanços, recuos e rearranjos organizacionais tornam-se uma constante na trajetória das corporações multilocalizadas, conforme evidenciado por Oliveira (2019), gerando reflexos patentes no sistema de objetos e de ações que compõem a espacialidade dessas organizações.

## Considerações finais

- 57 Condição precípua para o fomento das práticas de reprodução dos capitais, a trama de complementaridades político-econômicas angariada pelo segmento agroalimentar do Grupo Algar expõe o cerne da marcha de ocupação agroindustrial dos chapadões do Brasil Central e seus Cerrados, a partir do alinhamento de uma série de programas e estímulos governamentais. Dessa forma, é possível perceber que a ordem espacial da Algar Agro, desde a sua fundação em 1978, mantém estreita relação com as oportunidades incitadas pelas políticas territoriais de reestruturação produtiva dos subespaços, com vistas à inserção verticalizada dessas áreas no mercado global de *commodities*.
- 58 Num primeiro momento, os subsídios estatais e as possibilidades técnico-produtivas parecem ter afronhado o Triângulo Mineiro como um subespaço ótimo para a diversificação dos percussores do Grupo Algar no setor agroindustrial. Não obstante, as mudanças que caracterizaram os anos 1990 exigiriam novas articulações intra e extra corporação, em favor de respostas mais ágeis e flexíveis. Daí, a configuração de uma espacialidade amparada por conexões técnicas e organizacionais em rede, traduzida na complexa gama de relações mercantis e de lugares tensionados por interações espaciais multiescalares.
- 59 Fruto do desígnio em gerar ganhos em escala e escopo, a projeção rumo ao MATOPIBA buscou usufruir das vantagens locacionais derivadas do processo de indução produtiva e dos incentivos governamentais que originaram um espaço propício à atuação das corporações agroindustriais. No caso da Algar Agro, esse processo de difusão espacial empregou, além dos recursos próprios, os imprescindíveis auxílios governamentais oriundos das esferas federal, estadual e municipal. Torna-se relativo, nessa ótica, o recuo da assertiva estatal sugerido por autores como Mazzali (2000). O arranjo institucional representado pelo financiamento público subsidiado indica que o entrelaçamento de Estado e corporações não enfraqueceu, apenas se dá sob um novo enfoque, fazendo alargar as formas de espoliação e a conformação de eixos exclusivos, no que tange à fluidez territorial.
- 60 Nessa condição, a retomada do projeto de construção da Ferrovia Norte-Sul pelo Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), das gestões de Lula da Silva (2003-2010) e Dilma Rousseff (2011-2016), constituiu fator que entregou um incremento infraestrutural de grande valor aos grupos agroindustriais que instalaram ativos nas regiões contempladas pela rede citada. Segundo um relatório de execução publicado pelo Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (2016), o PAC empenhou, entre os

anos de 2007 e 2015, o valor aproximado de R\$ 10,4 bilhões na construção e recuperação de trechos da FNS.

- 61 As estratégias espaciais, de diversificação e de reprodução dos capitais executadas pela da Algar Agro corroboram, portanto, com o conjunto de práticas que Santos e Silveira (2011) denominam de uso corporativo do território. Em seu percurso têmporo-espacial, o arbítrio sociopolítico dessa corporação seguiu o lastro das políticas de ordenamento territorial dirigidas pelo Estado brasileiro, em diferentes momentos. No que concerne ao estudo das espacialidades das corporações multilocalizadas, a periodização dos eventos releva que um exame geográfico profícuo requer explorar a coerência existente entre a realidade político-institucional e as práticas executadas pelas organizações.

---

## BIBLIOGRAFIA

ABIOVE. Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais. *Pesquisa de capacidade instalada da indústria de óleos vegetais - 2009*. Disponível em: <<http://abiove.org.br/estatisticas/pesquisa-de-capacidade-instalada-da-industria-de-oleos-vegetais-2009/>>. Acesso em dez. 2019.

\_\_\_\_\_. Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais. *Brasil: exportações do complexo de soja*. 2019. Disponível em: <<http://abiove.org.br/estatisticas/>>. Acesso em dez. 2019.

ADM. *ADM facts*. 2019. Disponível em: <<https://www.adm.com/our-company/adm-facts>>. Acesso em dez. 2019.

ALGAR. *Relatório de Sustentabilidade de 2007*. Disponível em: <<https://www.algar.com.br/>>. Acesso em dez. 2019.

\_\_\_\_\_. *Relatório de Sustentabilidade de 2012*. Disponível em: <<https://www.algar.com.br/>>. Acesso em dez. 2019.

\_\_\_\_\_. *Relatório de Sustentabilidade de 2018*. Disponível em: <<https://www.algar.com.br/>>. Acesso em dez. 2019.

ALGAR AGRO. *Demonstrações financeiras em 31 de dezembro de 2011*. 2011. Disponível em: <[http://www.mediagroup.com.br/host/Algar/Agro/2011/port/downloads/AlgarAgro\\_DF2011.pdf](http://www.mediagroup.com.br/host/Algar/Agro/2011/port/downloads/AlgarAgro_DF2011.pdf)>. Acesso em jul. 2019.

\_\_\_\_\_. *Relatório de Sustentabilidade de 2014*. Disponível em: <<http://www.algaragro.com.br/>>. Acesso em nov. 2019.

\_\_\_\_\_. *Relatório de Sustentabilidade de 2016*. Disponível em: <<http://www.algaragro.com.br/>>. Acesso em dez. 2019.

\_\_\_\_\_. *Relatório de Sustentabilidade de 2018*. Disponível em: <<http://www.algaragro.com.br/>>. Acesso em dez. 2019.

ALGAR TELECOM. *Relatório de Sustentabilidade de 2018*. Disponível em <<https://algar2019.nambbu.com.br/>>. Acesso em DEZ. 2019.

ANATEL. *Dados*. 2019. Disponível em: <<https://www.anatel.gov.br/dados/>>. Acesso em 2019.

- ARROYO, M. M. Redes e circulação no uso e controle do território. In: Arroyo, Mónica; Cruz, Rita. (Orgs.). *Território e Circulação. A dinâmica contraditória da globalização*. 1 ed. São Paulo: Annablume, 2015, p. 37-50.
- BESSA, Kelly. *A dinâmica da rede urbana no Triângulo Mineiro: convergências e divergências entre Uberaba e Uberlândia*. Uberlândia: [s.n.], 2007. 348p.
- BNDES. *Transparência*. 2020. Disponível em: <<https://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home/transparencia>>. Acesso em fev. 2020.
- BORGES FILHO, Epaminondas L. *Da redução de insumos agrícolas a agroecologia: a trajetória das pesquisas com práticas agrícolas mais ecológicas na EMBRAPA*. 2005. 277f. Tese (Doutorado em Economia) – Instituto de Economia – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- BRANDÃO, Carlos A. *Triângulo: capital comercial, geopolítica e agroindústria*. 1989. 189f. Dissertação. (Mestrado em Desenvolvimento e Planejamento Regional) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 1989.
- BRASIL. Instituto Nacional de Geografia e Estatística. Conselho Nacional de Estatística. *Anuário Estatístico do Brasil*. Rio de Janeiro: v. 40, p. 1-856. 1979. Disponível em: <[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb\\_1979.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb_1979.pdf)>. Acesso em ago. 2019.
- BUNGE. *Relatório de Sustentabilidade 2016*. 2017. Disponível em <[http://www.bunge.com.br/sustentabilidade/2017/port/downloads/Bunge\\_RS17.pdf](http://www.bunge.com.br/sustentabilidade/2017/port/downloads/Bunge_RS17.pdf)>. Acesso em dez. 2019.
- CASTILHO, Denis. Redes e processos espoliativos no centro-norte do Brasil. In: OLIVEIRA, Floriano Godinho de; et al. (Orgs.). *Espaço e economia: geografia econômica e a economia política*. Rio de Janeiro: Consequência, 2019. p. 295-320.
- CASTILHO, Denis; ARRAIS, Tadeus A. A Ferrovia Norte-Sul e a economia regional do centro-norte do Brasil. *Sociedade & Natureza*, v. 29, n. 2, 29 nov. 2017.
- CASTILLO, Ricardo. *Sistemas orbitais e uso do território: integração eletrônica e conhecimento digital do território brasileiro*. 1999. 307 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, São Paulo.
- \_\_\_\_\_. Agricultura globalizada e logística nos cerrados brasileiros. In: SILVEIRA, Márcio, R. (Org.). *Circulação, transportes e logística: diferentes perspectivas*. São Paulo: Outras Expressões, 2011. P. 331-354.
- CHANDLER, Alfred D. *Strategy and structure*. Cambridge: MIT Press, 1962. 463p.
- CLEPS JR., João. *Dinâmica e estratégias do setor agroindustrial no cerrado: o caso do Triângulo Mineiro*. 1998. 291 f. Tese (Doutorado em Organização do Espaço) – IGCE/UNESP de Rio Claro, Rio claro.
- CONAB. *Série Histórica da armazenagem*. 2019. Disponível em: <<https://www.conab.gov.br/armazenagem/serie-historica-da-armazenagem>>. Acesso em nov. 2019.
- CONTEL, Fabio Betioli. *Território e finanças: técnicas, normas e topologias bancárias no Brasil*. São Paulo: Annablume, 2011.
- CORRÊA, Roberto L. Corporação e organização espacial: um estudo de caso. *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro, 53, (3), 33-66, jul./set. 1991.
- ESTADÃO. *ADM anuncia compra de duas plantas da Algar Agro*. 2018. Disponível em: <<http://especiais.estadao.com.br/canal-agro/negocios-rurais/adm-anuncia-compra-de-2-plantas-da-algar-agro/>>. Acesso em nov. 2019.

FREITAS, P.S.; SAMPAIO, R. C. *Sinopse do diagnóstico sócio-econômico do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba*: Uberlândia: Departamento de Economia da Universidade Federal de Uberlândia, 1985. 185p.

GUIMARÃES, Eduardo N. *Infra-estrutura pública e movimento de capitais: a inserção do Triângulo Mineiro na divisão inter-regional do trabalho*. 1990. 224f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Departamento de Economia da UFU.

\_\_\_\_\_. *Formação e desenvolvimento econômico do Triângulo Mineiro: integração nacional e consolidação regional*. Uberlândia: EDUFU, 2010. 254p.

HAESBAERT, Rogério. “Gaúchos” e “Baianos” no novo Nordeste: entre a globalização econômica e a invenção das identidades territoriais. In: CASTRO, Iná E. de; GOMES, Paulo C.; CORRÊA, Roberto L. (Orgs.) *Brasil: questões atuais da reorganização do território*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. p. 367-415.

HARVEY, David. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume, 2005. 252p.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Produção Agrícola Municipal*. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pam/tabelas>>. Acesso em dez. 2019.

ISTOÉ. Dinheiro. *À espera de concessões*. 2018. Disponível em: <<https://www.istoedinheiro.com.br/a-espera-das-concessoes/>>. Acesso em out. 2019.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro: 1891-2018. Diário. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>. Acesso em dez. 2019.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. Volume II: o processo de circulação do capital. Tradução de Regis Barbosa e Flávio Kothe. Série Os Economistas. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MAZZALI, Leonel. *O processo recente de reorganização agroindustrial: do complexo à organização “em rede”*. São Paulo: Editora UNESP, 2000. 175p.

MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E GESTÃO. *Relatório de Execução do Programa de Aceleração do Crescimento – PAC*. 2016. Disponível em: <[file:///C:/Users/Usuario/Downloads/160229\\_PAC\\_Rel\\_Mensal\\_Fevereiro.pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/160229_PAC_Rel_Mensal_Fevereiro.pdf)>. Acesso em dez. 2019.

MIRANDA, Evaristo E.; MAGALHÃES, Lucíola A.; CARVALHO, Carlos A. *Proposta de delimitação territorial do MATOPIBA*. Embrapa: Nota Técnica 1, 2014. Disponível em: <[https://www.embrapa.br/gite/publicacoes/NT1\\_DelimitacaoMatopiba.pdf](https://www.embrapa.br/gite/publicacoes/NT1_DelimitacaoMatopiba.pdf)>. Acesso em dez. 2019.

NORTH, Douglass. *Instituições, mudança institucional e desempenho econômico*. Tradução de Alexandre Morales. São Paulo: Três Estrelas, 2018. 255p.

O ESTADO DO MARANHÃO. *Governadora prestigia inauguração de indústria de óleo de soja*. 2012. Disponível em: <<https://imirante.com/sao-luis/noticias/2012/06/21/governadora-prestigia-inauguracao-de-industria-de-oleo-de-soja.shtml>>. Acesso em dez. 2019.

OLIVEIRA, Alanna Santos de. *Análise do emprego na Região Intermediária de Uberlândia em tempos de crise econômico-política*. Uberlândia: CEPES/IERIUFU, março de 2019. (Série Aspectos econômicos, sociais e demográficos da Região Geográfica Intermediária de Uberlândia, v. 2/5). Disponível em: <<http://www.ie.ufu.br/CEPES>>. Acesso em dez. 2019.

OLIVEIRA, Fernando F. *Corporação, espaço e organização reticular: notas conceituais. Ateliê Geográfico – Goiânia-GO*, v. 12, n. 2, ago/2018, p. 164-182.

\_\_\_\_\_. *Espaço, rede e corporação: a evolução multifuncional do Grupo Algar*. Tese (Doutorado em Geografia). Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019.

OLIVEIRA, Floriano J. G. de. Reestruturação econômica, poder público e desenvolvimento social: possibilidades de disputas e de recomposição do poder no território. *Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, Barcelona, v. XI, n. 245 (65), 1 ago. 2007.

OLIVEIRA, Floriano J. G. de. *Reestruturação produtiva, território e poder no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

RAIS. *Relação Anual de Informações Sociais do Ministério do Trabalho e Emprego*. 2019. Disponível em: <[http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged\\_anuario\\_rais/anuario\\_remuneracoes.htm](http://bi.mte.gov.br/bgcaged/caged_anuario_rais/anuario_remuneracoes.htm)>. Acesso em: dez. 2019.

SANTOS, Leandro B. BNDES: internacionalização de empresas e o subimperialismo brasileiro. *Geosp – Espaço e Tempo (Online)*, v. 22, n. 1. p. 115-137, 2018.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4 ed. São Paulo: EDUSP, 2012.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, María L. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. 15 Ed. Rio de Janeiro: Record, 2011. 475 p.

SILVA, Carlos A. F. da. *Grupo André Maggi: corporação e rede em áreas de fronteira*. Cuiabá: Entrelinhas, 2003. 222p.

\_\_\_\_\_. Fronteira agrícola capitalista e ordenamento territorial. In: SANTOS, Milton; BECKER, Berta, K. (orgs.). *Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial*. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 283-312.

PESSÔA, Vera L. S. *Ação do estado e as transformações agrárias no cerrado das zonas de Paracatu e Alto Paranaíba*. Rio Claro: UNESP, 1988, 239p. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, 1988.

VALEC. *A Ferrovia Norte-Sul*. 2019. Disponível em: <<http://www.valec.gov.br/ferrovias/ferrovia-norte-sul/a-ferrovia-norte-sul>>. Acesso em dez. 2019.

## NOTAS

1. Para uma avaliação pormenorizada das mudanças orquestradas pelas mencionadas políticas ao Triângulo Mineiro e regiões adjacentes, ver os trabalhos de Freitas e Sampaio (1985), Pessôa (1988), Brandão (1989), Cleps Jr. (1998), Bessa (2007) e Guimarães (1990; 2010).
2. Multifuncional e multilocalizado, o Grupo Algar possui negócios em telecomunicações, tecnologia da informação e comunicação e *contact center* (Algar Telecom e Algar Tech); em agronegócio (Algar Farming); em turismo e *resorts* (Aviva Algar FLC); *venture capital* (Algar Ventures) e serviços (segurança patrimonial, venda de aeronaves e táxi aéreo, administração de terminais urbanos de transporte público, dentre outros). Em 2018, esta corporação empregou aproximadamente 20.000 trabalhadores, obtendo uma receita operacional líquida de R\$ 3 bilhões (ALGAR, 2018).
3. Hábil interlocutor, Rondon Pacheco possuía trânsito acessível aos bastidores dos governos militares. Além dos sucessivos mandatos como deputado federal (1950-1967), atuou como chefe do Gabinete da Casa Civil durante o governo de Costa e Silva (1964-1969), e como governador de Minas Gerais (1971-1975), por meio de indicação direta do Executivo Federal.
4. A princípio, esta empresa especializou-se no esmagamento de algodão, que fora substituído por soja após a incorporação ao portfólio de atividades da família Garcia.
5. No contexto do incremento locacional às agroindústrias processados de soja é que se deu, em 1986, a instalação de uma planta de esmagamento da Cargill em Uberlândia. Como sugere Cleps

Jr. (1998), esta multinacional do segmento agroalimentar foi a primeira das grandes corporações do setor a acompanhar o deslocamento da capacidade produtivas de *commodities* exportáveis nas porções interiores do território brasileiro.

6. Ressaltamos que o segmento em *agrobusiness* do Grupo ABC/Algar perpassou por diversas realizações, para além das cadeias da soja. Dentre as quais, destacam-se a produção e o processamento de frutas e verduras, a exploração de madeiras e pastagens no município de Pacajá (PA), a criação e o abate de reses bovinas, dentre outras.

7. *Jornal do Brasil*, 16/01/1992 – negócios e finanças, p. 9. Segundo a matéria, a ABC Inco. obteve receita de US\$ 60 milhões em 1991, 36% superior aos números do ano anterior.

8. Como sugere Castillo (1999, p. 226), a agricultura de precisão “busca reduzir o custo de produção pela economia de aplicação de insumos e otimização da exploração levando em conta o potencial localizado de cada trecho do campo cultivado”, valendo-se, para tanto, de técnicas muito sofisticadas.

9. Em 2000, a Manah Fertilizantes foi incorporada pela holandesa Bunge.

10. *Jornal do Brasil* (01/03/1998, p. 24 – economia).

11. Segundo o recorte proposto por Miranda et. al. (2014), a região do MATOPIBA é composta por 337 municípios do Maranhão, do Tocantins, do Piauí e do oeste baiano, estendendo-se por aproximadamente 73 milhões de hectares. Cumpre registrar a importância dos incentivos dirigidos pelas fases II (a partir de 1985) e III (a partir de 1995) do PRODECER, para a modernização agroindustrial de áreas de Cerrado dos estados que compõem o recorte espacial destacado.

12. *O estado de S. Paulo* (21/04/2005, p. B17 – negócios).

13. Segundo dados publicados na Relação Anual de Informações Sociais – RAIS, a média salarial nominal no Maranhão foi de R\$ 2.313,90, em 2017. Em Minas Gerais, a título de comparação, a média alcançou R\$ 2.413,00 no ano mencionado; na cidade de Uberlândia, foi de R\$ 2.615,53 (RAIS, 2019; OLIVEIRA, 2019).

14. Para uma análise pormenorizada do processo de consolidação do Tramo Norte da FNS, ver os trabalhos de Castilho e Arrais (2017) e Castilho (2019).

15. Segundo reportagem veiculada por IstoÉ Dinheiro (2018), a composição acionária da VLI é assim dividida: a Vale possui 37,6%; 26,5% pertencem ao fundo brasileiro de gestão de ativos Brookefield; a japonesa Mitsui detém 20% e o Fundo de Investimento do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FI-FGTS), outros 15,9%. Em 2017, a VLI faturou R\$ 4,5 bilhões.

16. Cumpre registrar que a China foi o destino de 82,3% (68.839.903 toneladas) de toda a soja em grão exportada pelo Brasil em 2018. Os países da União Europeia configuram o segundo principal destino da soja brasileira, representando 6% (5.096.943 toneladas) do montante exportado nesse ano (ABIOVE, 2019).

17. Segundo nota veiculada pelo periódico *O Estado do Maranhão* (2012), participaram da solenidade, dentre outras lideranças políticas locais, a então governadora Roseana Sarney, que foi homenageada pelos esforços do governo estadual que subsidiaram o empreendimento da Algar Agro.

18. Em 2014, a Algar Agro detinha uma rede com 32 armazéns (ALGAR AGRO, 2014). Destes, 16 eram próprios e o restante arrendados de terceiros, de forma que os relatórios publicados não trazem relação entre armazéns arrendados/próprios.

19. A título de comparação, a gigante holandesa Bunge originou, no Brasil, um total de 125.000 mil toneladas de soja em 2016 (BUNGE, 2017).

20. Como exposto, os dados da Algar Farming foram publicados pelo Relatório de Sustentabilidade da Algar Agro de 2016, último ano em que esta subsidiária disponibilizou relatórios. O Relatório de Sustentabilidade do Grupo Algar (ALGAR, 2018), traz números mais atualizados das operações de Algar Farming: em 2017, foram produzidas 66.306 toneladas de

grãos em 13.902 ha de área cultivada, além de 1.755 cabeças de gado comercializadas; acréscimos de 37%, 17% e 45% respectivamente, em relação a 2016.

**21.** A *Archer Daniels Midland Company* – ADM, foi fundada em 1902 e possui sede em Chicago (EUA). *Player* global do setor agroalimentar, emprega cerca de 40 mil funcionários em mais de 330 fábricas e 62 centros de inovação tecnológica, contadto com aproximadamente 450 locais de originação de produtos agrícolas e atuação em quase 200 países. Em 2016, suas vendas líquidas alcançaram o montante de US\$ 62,3 bilhões (ADM, 2019). Atua no Brasil desde 1997, onde emprega 3.300 funcionários e conta com unidades de processamento de oleaginosas nas cidades de Rondonópolis e Campo Novo dos Parecís (MT), Campo Grande (MS), Ipameri (GO), Joaçaba (SC) e Uberlândia (MG), além de rede de armazenagem com capacidade de 2,2 milhões de toneladas.

**22.** Luiz Alexandre é filho de Luiz Alberto Garcia (sucessor de Alexandrino) e neto de Alexandrino Garcia, o fundador do Grupo Algar. Atualmente ocupa o posto de presidente do Conselho de Administração do mencionado Grupo.

**23.** Além dos 87 municípios que compõem a área de concessão primacial da Algar Telecom (antiga CTBC), é bom registrar que essa operadora detém uma rede de fibras ópticas em exponencial difusão. Em 2018, esse *backbone* óptico possuía 50.000km de cabos terrestres (ALGAR TELECOM, 2018). Estes, conectam 583 municípios brasileiros (ANATEL, 2019), para a prestação de serviços corporativos em conectividade e ambiente de redes.

---

## RESUMOS

Subsidiárias de um amplo feixe de interações humanas, as corporações multilocalizadas exercem evidente papel ante a estruturação espacial no capitalismo. No entanto, o alargamento dos horizontes espaciais dessas organizações não pode prescindir de ajuizamentos técnicos, táticos e político-institucionais bem amarrados. O presente estudo analisa a evolução espaço-temporal de uma agroindústria sediada em Uberlândia, a Algar Agro, que compôs o braço agroalimentar do multifacetado Grupo Algar. Os procedimentos metodológicos basearam-se em pesquisa bibliográfica, documental, levantamento de dados secundários e mapeamento. Mira, assim, clarear as práticas espaciais deflagradas pela corporação em presença de uma conjuntura superior, que sustentou os incentivos do Estado brasileiro para ocupação dos Cerrados por empreendimentos agroindustriais privados, o que intensificou o uso corporativo do território e um acesso distinto à fluidez.

Subsidiaries of a wide bundle of human interactions, the multilocalized corporations play an evident role regarding the spatial structure in the capitalism. However, the expansion of the spatial horizons of these organizations can't prescind from tightly tied technical, tactical and political-institutional judgments. The present study analyzes the space-time evolution of an agroindustry located in Uberlândia, Algar Agro, which made part of the agrifood arm of the multifaceted Algar Group. The methodological procedures were based on bibliographic and documental researches, collecting secondary data and mappings. Aiming, therefore, to clarify the spatial practices caused by the corporation in the presence of a higher conjunctures, which sustained the incentives of the Brazilian State for Cerrado occupation by private agribusiness enterprises, which intensified the corporative use of the territory and a distinct access to fluidity.

Malgré le fait que les corporations multi-localisées jouent un rôle central sur la structuration spatiale capitaliste, l'élargissement de ses horizons n'arrive pas hors d'un contexte politico-institutionnel bien réglé. Ainsi, on analyse l'évolution spatio-temporelle de l'Algar Agro, ramification agro-alimentaire à l'intérieure du Group Algar. A partir de données secondaires, de la cartographie et de la recherche bibliographique et documentaire, on peut comprendre comment les pratiques spatiales de l'Algar Agro ont été stimulées par l'État brésilien. Le résultat, c'est l'accès différencié par rapport à la fluidité et l'accroissement de l'usage corporatif du territoire.

Subsidiarias de una amplia gama de interacciones humanas, las corporaciones multilocalizadas desempeñan un papel evidente frente a la estructuración espacial en el capitalismo. Sin embargo, la ampliación de los horizontes espaciales de estas organizaciones no puede prescindir de juicios técnicos, tácticos y político-institucionales bien articulados. El presente estudio analiza la evolución espacio-temporal de la *Algar Agro*, una agroindustria con sede en Uberlândia (Minas Gerais, Brasil) que formó el brazo agroalimentario del *Grupo Algar*. Los procedimientos metodológicos se basaron en investigación bibliográfica, documental, levantamiento de datos secundarios y mapeo. Nuestro objetivo, por lo tanto, es aclarar las prácticas espaciales desencadenadas por la corporación en presencia de una coyuntura superior, que sostuvo los incentivos del Estado brasileño para ocupar los *Cerrados* (sabanas brasileñas) por empresas agroindustriales privadas, lo que intensificó el uso corporativo del territorio y un acceso distinto a la fluidez.

## ÍNDICE

**Mots-clés:** société multi-localisée, diversification fonctionnelle, Algar Agro, Uberlândia-Minas Gerais, Brasil.

**Keywords:** Multilocalized corporation; functional diversification; Algar Agro.

**Palabras claves:** Corporación multilocalizada; diversificación funcional; Algar Agro.

**Palavras-chave:** Corporação multilocalizada; diversificação funcional; Algar Agro.

## AUTORES

### FERNANDO FERNANDES DE OLIVEIRA

Doutor em Geografia e professor do Instituto Federal Goiano – Campus Avançado Ipameri. Email: fernando.oliveira@ifgoiano.edu.br

### DENIS CASTILHO

Doutor em Geografia e professor do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás. Email: deniscastilho@hotmail.com